

Os Leigos no CELAM: apontamentos principais*

Laypeople in the CELAM: main notes

Robson Ribeiro de Oliveira Castro**

Resumo

O presente artigo busca analisar algumas reflexões de Sávio Carlos Desan Scopinho sobre o laicato nas Reuniões da Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM). Orientamos nosso texto para a Teologia do Laicato presente em todas as conferências, a saber: I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Rio de Janeiro, 1955); II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Medellín, 1968); III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Puebla, 1979); IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Santo Domingo, 1992); V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe (Aparecida, 2007). Diante deste conjunto de documentos e conclusões evidenciaremos a importância do leigo na conjuntura da Igreja, sendo ele parte do Corpo Místico de Cristo e de fundamental importância para a evangelização e também participe das dimensões de profeta, sacerdote e rei. Perpassaremos todas estas cinco conferências que viveram o antes e depois do Concílio Ecumênico Vaticano II. Buscaremos ainda uma assinalar o que foi possível avançar e o que não, mediante os entraves existentes. Abordaremos ainda a questão que propõe um laicato atuante independente da hierarquia da Igreja Católica.

* Artigo recebido em 10/03/2016 e aprovado para publicação em 23/05/2016.

** Graduado em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Pós-graduado, lato sensu em Direito Matrimonial Canônico, pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro. Pós-graduando, lato sensu em História e Cultura do Brasil pela Faculdade Estácio de Sá. Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE em Belo Horizonte. E-mail: robsoncastro@yahoo.com.br.

Palavras-chave: Leigos; Teologia do laicato; CELAM; Igreja latino-americana.

Abstract

This article analyzes some reflections of Sávio Carlos Desan Scopinho on the laypeople in the Meetings of the Latin American Episcopal Conference (CELAM). We direct our text to the Theology of Laypeople present in all conferences, namely: 1st General Conference of the Latin American Episcopate (Rio de Janeiro, 1955); 2nd General Conference of the Latin American Episcopate (Medellín, 1968); 3rd General Conference of the Latin American Episcopate (Puebla, 1979); 4th General Conference of the Latin American Episcopate (Santo Domingo, 1992); 5th General Conference of the Latin American and Caribbean Episcopate (Aparecida, 2007). In view of this set of documents and conclusions we will highlight the importance of the layperson in the conjuncture of the Church, being part of the Mystical Body of Christ and of fundamental importance for evangelization and also as a participant in the dimensions of prophet, priest and king. We will pass through all these five conferences that lived before and after the Second Vatican Ecumenical Council. We will also point out what has been possible and what has not been done, through existing obstacles. We will also address the question of a laypeople acting independently of the hierarchy of the Catholic Church.

Keywords: Lay people; Theology of the laity; CELAM; Latin American church.

Introdução

As reuniões das conferências do episcopado latino-americano sempre foram motivadas pelos papas a fim de propor um diálogo e um norte para os trabalhos no continente. Diante de grandes transformações e de tantos problemas sociais, políticos e econômicos, a Igreja na América Latina necessitava de uma intervenção e da união dos bispos para resolverem os problemas que assolavam o povo.

Para que se possa entender perfeitamente a intenção de tal atitude e os seus desdobramentos primeiro é necessário conceituar o que seria conferência.

Existe uma distinção entre Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM, criado na Conferência do Rio de Janeiro e ratificada por Pio XII, em 2 de novembro de

1955) e Conferências do Episcopado Latino-Americano. A palavra “Conferência” indica a Assembleia do Episcopado Latino-Americano, que se situa no mesmo horizonte das conferências episcopais nacionais. [...] O “Conselho Episcopal Latino-Americano” (CELAM) é um organismo eclesialístico constituído para ser um sinal e instrumento da colegialidade episcopal, a serviço da intercomunicação das Igrejas particulares entre si e com a Santa Sé, e organismo de animação e ajuda para a reflexão e ação da Igreja. Sua finalidade é servir às Conferências Episcopais do continente. Assim, o CELAM se apresenta como um organismo continental que tem a missão de promover e coordenar toda a preparação das Assembleias gerais, denominadas de Conferências (SCOPINHO, 2012, p. 589).

Daí a necessidade de se tomar uma providência diante do agravamento da situação do povo latino-americano. As estatísticas da primeira metade do século XX diziam que o continente latino-americano tinha 163 milhões de habitantes, dos quais 153 milhões eram católicos. No ano de 1946 se calculava ter 5.969 habitantes para cada sacerdote, já em 1955 — ano da primeira conferência episcopal — esse número era de 5.282 por sacerdote (cf. SCOPINHO, 2012, p. 591).

Para se entender o envolvimento social e político de todos, além de entender a necessidade de uma Teologia mais atuante, faz-se necessário uma conceituação simples. Para falar de teologia e desenvolvimento social, é necessário um pequeno recorte:

a teologia deve ser um pensamento crítico de si mesmo, de seus próprios fundamentos. Só isso pode fazer dela um discurso não-ingênuo, consciente de si, em plena posse de seus instrumentos conceituais. Mas não apenas a este aspecto, de caráter epistemológico, fazendo alusão ao falar da teologia como reflexão crítica. Referimo-nos também a uma atitude lúcida e crítica com relação aos condicionamentos econômicos e socioculturais da vida e da reflexão da comunidade cristã: não os considerar é enganar-se e enganar os outros. Além disso e sobretudo, porém, tomamos essa expressão como a teoria de uma prática determinada. A reflexão teológica seria, então, necessariamente, uma crítica da sociedade e da Igreja enquanto convocadas e interpeladas pela palavra de Deus; uma teoria crítica, luz da palavra aceita na fé, animada por uma intenção prática e, portanto, indissolúvelmente unida à práxis histórica (GUTIÉRREZ, 2000, p. 68).

Diante deste cenário temos a atuação dos bispos latino-americanos, com a criação do CELAM e das condições de melhoria na atuação do clero e dos leigos, sendo estes últimos o foco de nosso estudo.

I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano Rio de Janeiro (1955)

O Encontro do Rio de Janeiro foi motivado pelo apelo do papa Pio XII. Com sua Carta Apostólica *Ad Ecclesiam Christi*, o papa tinha a preocupação que com o avanço da modernidade muitos fiéis abandonavam o catolicismo, além de ser necessário dar maior atenção aos fiéis que não tinham acompanhamento pastoral e espiritual.

A Assembleia convocada por Pio XII para a cidade do Rio de Janeiro, em 1955, foi o marco do episcopado latino-americano. A Primeira Conferência se reuniu entre os dias 25 de julho e 4 de agosto de 1955 e havia 96 bispos quando do seu início. O período que seguiu à Segunda Guerra Mundial foi bastante conturbado e marcou profundamente o mundo e a Igreja. Para fazer frente a essas transformações, especialmente em ambiente latino-americano. A ideia de realizar a assembleia dos bispos foi aprovada e incentivada pelo Papa Pio XII.

A preocupação principal era com as vocações, devido ao pequeno número de sacerdotes no continente, uma das alternativas era também pedir ajuda aos religiosos e estrangeiros, assim "a Igreja assumia uma preocupação com a realidade social que, na América Latina, está intimamente ligada à vida religiosa" (SCOPINHO, 2012, p. 590).

Entre as preocupações estavam: o avanço do comunismo, a falta de sacerdotes, a presença da maçonaria e o crescimento dos protestantes. Tal situação impulsionou os bispos a tomarem uma atitude quanto à vivência cristã latino-americana. Apresentaram como questão importante a formação dos seminários, o pedido de ajuda as igreja europeias e norte-americanas, além de contar com a colaboração dos leigos. Porém, o leigo não era visto na sua face estrutural, mas apenas estava a serviço da hierarquia. Isso precisava ser mudado e amadurecido durante as reuniões.

Para tanto, foi proposto uma atuação mais forte e visível do leigo, não sendo mais coadjuvante e protagonizando a função de missionário, onde não havia sacerdotes necessários para o trabalho pastoral, os leigos seriam importantes para atuar como colaboradores da hierarquia, dado o fato da escassez dos sacerdotes. Porém havia o interesse de fazer uma ampla companhia vocacional para fortalecer a estrutura eclesial.

Na reunião da Conferência, houve vários pontos que focaram os trabalhos dos seus integrantes. Assinalamos alguns:

Primeiro é o fato de que as preocupações dos bispos, reunidos na Conferência, estavam voltadas para a visão de uma Igreja que pretendia retomar a força e presença no contexto social da América Latina. E, o segundo, um posicionamento diverso, era aquele em

que a Igreja, gradativamente, se comprometia como participante na tentativa de solução dos problemas sociais no mesmo contexto latino-americano. A Igreja começava, assim, a fazer uma mudança significativa, assumindo a causa dos pobres e lutando para que fossem superadas a pobreza e a miséria da grande maioria da população (SCOPINHO, 2012, p. 592-593).

Diante dessa realidade surge a necessidade de uma grande formação e transformação no clero e no envolvimento dos leigos. Para esta situação os leigos seriam de suma importância para preencher as lacunas do imenso continente latino-americano. Entre os campos de atuação, dá-se ênfase à Ação Católica.

A "Ação Católica" percorreu longo processo para chegar a se consolidar como movimento da Igreja Católica, sua expressão universal foi assumida dentro do pontificado de Pio XI, conhecido como o Papa da Ação Católica, todo um contexto de mudanças sociais e políticas envolveram o pontificado de Pio XI e permitiu o reconhecimento da "Ação Católica" como uma das alternativas da Igreja para responder aos desafios demandados na época (SOUZA, 2006, p.40).

A organização da Igreja e a formação da Ação Católica foi algo de grande importância para a "Teologia do Laicato", que no cenário latino-americano buscava um laicato mais adulto.

Fato é que os leigos, na concepção dos bispos presentes na primeira Conferência, deveriam executar um trabalho de colaboração apostólica, principalmente onde não há sacerdotes. Os bispos entendiam que o laicato católico poderia contribuir mais na ação apostólica da América Latina, quando se tem um exato conhecimento de sua posição no corpo místico de Cristo. Diz o texto conclusivo da Conferência que é importante formar a consciência dos fiéis para a missão (SCOPINHO, 2012, p.596).

Os bispos desejavam intensificar o trabalho apostólico, fazendo dos leigos atuantes na Ação Católica, buscando sempre uma liderança e grande atuação dos leigos frente aos problemas sociais e indo a lugares que antes os padres não conseguiam ir. Mas em nenhum momento o documento colocou os leigos como protagonistas. Os leigos continuariam sempre auxiliares dos ministros ordenados, atentos e obedientes às diretrizes.

A Primeira Conferência deu passos importantes para a discussão da importância do leigo na Igreja e de sua pertença à vivência da Igreja, sendo membro atuante na evangelização precária que o cenário latino-americano enfrentava. Fato é que os bispos, até a primeira conferência, sempre colocaram o leigo como auxiliares. Para assumir a vivência e conviver com a atuação do laicato o primeiro passo foi dado nesta Conferência. Isso será mais debatido nas conferências seguintes.

II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Medellín, 1968)

A II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, aberta por Paulo VI, em Bogotá, a 24 de agosto de 1968 e realizada, em Medellín, de 26 de agosto a 6 de setembro do mesmo ano, encontra suas raízes e inspiração, de uma parte, nos clamores e esperanças do povo latino-americano e caribenho e, de outro, no Concílio Vaticano II (1962-1965), e nos processos e sonhos por ele desencadeados na vida da igreja. Importante ressaltar que a América Latina “era o único continente que, ao chegar ao Concílio, já contava com uma estrutura episcopal de caráter colegial, o Conselho Episcopal Latino-americano, o CELAM, fundado no Rio de Janeiro (RJ), em 1955” (BEOZZO, 2015).

Podemos apresentar um aspecto histórico novo dessa segunda conferência do CELAM realizada em fins da década de 1960: os países latino-americanos passam por transformações sociais e políticas com as ditaduras militares. Assim,

A Igreja se inseriu na realidade dos pobres, assumindo sua causa, comprometendo-se com sua realidade social e propondo-se a ser uma presença ativa, questionadora e transformadora. Nesse contexto, surgiram novas experiências eclesiais e pastorais que deram origem à Teologia da Libertação e às Comunidades Eclesiais de Base, consideradas como marcos fundamentais para compreender a Igreja no Continente (SCOPINHO, 2013a, p. 153).

É preciso frisar que a Conferência de Medellín foi constituída no fim do Concílio Vaticano II, que tinha terminado em 1965 e tinha tratado de muitos assuntos, entre eles a questão da Igreja missionária e dos leigos como agentes da missão. O papa João XXIII, que convocou e participou do início do Concílio, teceu comentários aos bispos latino-americanos de que os mesmos estavam atuando de forma forte e decisiva na vida dos pobres e dos menos favorecidos do continente. O papa pede ainda que os bispos se esforcem e empenhem com a Ação Católica, que é um ponto determinante da atuação dos leigos.

A Conferência atuou frente aos problemas sociais do início da década de 1960. Outro aspecto importante para a Conferência foi a questão da libertação.

A linguagem da libertação foi assumida pelos bispos na Conferência de Medellín, exatamente por se referir à miséria da grande maioria da população do Continente. [...] Com a perspectiva da libertação, ocorreria uma mudança de enfoque no posicionamento dos bispos latino-americanos. Propôs-se, a partir daquele momento, realizar um diálogo não mais com as grandes empresas internacionais e com a elite política mundial, mas sim com as camadas mais pobres da população. [...] O evento Medellín, quando visto numa perspectiva mais ampla e não apenas durante a realização da Conferência, significou uma profunda transformação na compreensão da tarefa evangelizadora da Igreja na América Latina (SCOPINHO, 2013a, p.158).

Assim a Igreja se propôs a atuar mais ativamente na evangelização e na visão dos mais necessitados. Para tanto, a questão do laicato foi um dos aspectos a serem debatidos. Na Conferência de Medellín houve a presença de 20 leigos. Na conferência temos também a preocupação da família, atrelada à questão do laicato. Outro aspecto debatido em relação aos leigos foi a questão da relação entre as elites e as massas. Um dos documentos mais importantes foi o que se denominou "Movimentos de Leigos", o qual

apresentava uma reflexão mais sistemática a respeito, tendo as elites como referência e base de sustentação. Numa análise mais aprofundada do documento, o Departamento de Leigos considerava que o texto apresentava os movimentos de leigos existentes como movimentos de elites. Dizia que na Igreja há dois tipos de elites, a clerical e a laical, e afirmava que a Igreja era conduzida pelas elites clericais. Isso acontecia devido a uma razão fundamental e prática: a elite clerical tem todo o tempo disponível para a Igreja e para o seguimento de Cristo, segundo as exigências evangélicas e eclesiais (SCOPINHO, 2013a, p.164).

Uma questão de suma importância apontada pelo documento de Medellín é o envolvimento do leigo na indústria e sua evolução social e financeira.

O documento sobre os “Movimentos de Leigos” se fundamentava numa ideia básica e importante que era o reconhecimento da emergência da sociedade industrial. As elites laicais não atuavam mais no contexto rural, caracterizado pelo regime de Padroado e fundamentado no modelo de Cristandade. A sociedade industrial era o lugar onde os grupos sociais, formados a partir do trabalho, da profissão ou da função da função, superavam cada vez mais as comunidades tradicionais, de caráter vicinal ou territorial. Os movimentos laicais tornavam-se, assim, necessários para a Igreja, enquanto atingiam essa grande maioria de pessoas que viviam no mundo urbano, dentro de uma dinâmica de funcionalidade da vida cotidiana (SCOPINHO, 2013a, p.164).

O leigo nesta Conferência é mais atuante, a sua ação é singular, diante das dificuldades e dos debates sociais. Encontra mais espaço e diante da teologia do laicato tem sua vivência a frente do que foi a Conferência do Rio de Janeiro.

Além destas questões os bispos se preocuparam com a juventude, que estava diretamente ligada com o laicato. O que se apresentava diante de inúmeros relatos eram os jovens que se reuniam contra as organizações demasiadamente institucionais, as estratégias rígidas e os agrupamentos massivos desejavam uma organização mais aberta e frente às dificuldades sociais. (cf. SCOPINHO, 2013a, p. 168). Para tanto o documento “Movimentos de Leigos” apontava como fator importante para os leigos a formação constante e direta para que estes atuassem com força. Diante disso, foi apresentado na Conferência a constante presença do leigo e sua importância para agregar funções e situações e assim formar uma pastoral de conjunto.

Alguns encaminhamentos foram importantes para dar mais ênfase aos leigos e sua atuação. Os bispos refletiram sobre as questões do laicato a partir do que foi discutido no Concílio Ecumênico Vaticano II. Este aspecto foi desencadeador para as outras conferências que viriam, assim deu-se mais força e espaço para os leigos, e se fez conhecer a sua atuação, pastoral e teológica. De fato o leigo foi pauta de discussões que abriram o campo de trabalho e a organização social do continente, frente aos problemas políticos enfrentados.

A vivência de um laicato atuante, principalmente após o Concílio Vaticano II, foi um cenário apresentado neste encontro: “a Conferência refletiu e expressou uma visão de Igreja que procurava ser uma presença e um sinal no mundo, de maneira crítica e transformadora, e comprometida com a causa da grande maioria da sociedade, que são os pobres e marginalizados” (SCOPINHO, 2013a, p.160).

O avanço da Igreja foi predominante para a vivência do laicato e para o amadurecimento na formação de um laicato adulto, o que já era

enumerado como ponto necessário na conferência do Rio de Janeiro de 1955. A Igreja se coloca atenta e aberta às transformações da sociedade e aos sinais dos tempos que advinham de grandes transformações do continente.

A Igreja se propunha a ser uma presença no processo de transformação da sociedade, sem impedir ou atrapalhar as iniciativas já em andamento, mas procurando inserir valores evangélicos. Os bispos afirmavam que os povos latino-americanos aspiram à liberdade e que todos deveriam se sentir responsáveis, sendo que ninguém poderia assumir o processo de maneira exclusiva. Entre os principais compromissos da Igreja estaria o de estabelecer uma coerente relação entre fé e vida, como um desafio para se viver uma verdadeira pobreza evangélica (SCOPINHO, 2013a, p.161).

Diante deste cenário, a Conferência de Medellín deu passos largos na evolução da questão de um laicato consciente e atuante, além do envolvimento de todos nas questões sociais e o papel da evangelização de todo o povo de Deus. O leigo é encarado, talvez de forma inédita, como responsável pela evangelização. O leigo é parte da tríplice função — profética, sacerdotal e real — de Cristo. Todos estes aspectos foram debatidos novamente e com novas perspectivas nas outras conferências.

III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Puebla, 1979)

Após as duas primeiras conferências, e também o Concílio Vaticano II e a XIV Assembleia do CELAM na Bolívia, acontece em Puebla, no ano de 1979, a terceira Conferência Geral do CELAM. No cenário mais abrangente e diante de transformações históricas consideráveis, como: o enfraquecimento dos regimes militares, abertura política em vários países da América Latina e a luta pelos direitos humanos, procuraremos organizar, sistematicamente, os projetos e objetivos desta nova Conferência. Além disso, temos também a transição na cátedra de Pedro: Paulo VI morre sendo seus sucessores João Paulo I — morrendo pouco mais de um mês de pontificado — e o polonês João Paulo II.

É fato determinante o crescimento das Comunidades Eclesiais de Base e sua atuação direta frente à falta de ministros ordenados. Isso tornou o povo latino-americano independente e organizado. “Os bispos incentivaram e apoiaram o crescimento das comunidades eclesiais de base em toda América latina e a reflexão teológica desenvolvida no próprio continente, denominada Teologia da Libertação” (SCOPINHO, 2013b, p.278).

A década de 1970 foi um das mais difíceis, até chegar em Puebla, 1979, muita coisa aconteceu, para o povo latino-americano, ainda é um período de grandes e sangrentas ditaduras militares, que vão perder seu poder no final da década de 70. Para o episcopado

os regimes militares representavam a maior ameaça para a realização da justiça e para o reconhecimento dos direitos humanos. Os bispos tinham consciência de que na sociedade latino-americana era preciso um desenvolvimento econômico acompanhado de uma prática de justiça e de uma verdadeira democracia política e social (SCOPINHO, 2013b, p.279).

De fato, o cenário não era favorável ao diálogo e à conversão, mas a Igreja se preocupa em elaborar um plano teológico voltado para o direito do trabalho e da vida (cf. SCOPINHO, 2013b, p.279). Já com o pensamento na nova reunião da Conferência elaborou-se um Documento de Consulta que resultou em um Documento de Trabalho, porém, um pouco decepcionante por não levar em conta o método ver-julgar-agir, utilizado pela Ação Católica e pela Teologia da Libertação (cf. SCOPINHO, 2013b, p.279).

O Departamento de Leigos esteve atuante na preparação desta Conferência e reuniu-se em Buenos Aires (Argentina) no ano de 1974. Neste cenário estavam preocupados com a pastoral popular e com o envolvimento político dos fiéis e religiosos, além de acontecerem vários encontros sobre o tema Fé e Política e também sobre a Teologia da Libertação.

Com as mudanças sociais, industrialização e desenvolvimento educacional e econômico, fez-se necessário repensar a atuação da Igreja frente aos problemas da sociedade e também frente às dificuldades de relacionamento com os governos. Os movimentos laicais assumiram grande força e se colocaram ao lado dos menos favorecidos, pensando em uma Igreja para o pobre latino-americano. Outro ponto importante advindo das reuniões anteriores foram as considerações sobre a formação do laicato, o qual estava cada vez mais atuante e consciente. Fazia-se necessária uma mudança de pensamento e de envolvimento do laicato tanto na política quanto na sociedade.

Foco da Conferência era a evangelização:

O cristão precisa confessar sua fé em Jesus Cristo diante da história e do mundo, com uma convicção profunda, que se realiza na Igreja, considerada a segunda verdade fundamental. A Igreja apresenta-se como comunhão de vida, de caridade e de verdade e deve ser entendida como corpo e sacramento de Jesus Cristo, nascendo da resposta de fé que se dá ao próprio

Jesus Cristo. Portanto, o cristão tem o dever de respeitá-la e servi-la, reconhecendo que sua missão fundamental é evangelizar. E enfatiza o Papa (João Paulo II) que uma autêntica evangelização só se realiza mediante a aceitação das orientações do Magistério, entendido como fiel depositário da palavra de Deus (SCOPINHO, 2013b, p.285-286).

A Conferência de Puebla se identificou com o homem pobre e seus trabalhos estavam voltados para a sua evangelização e seu direito à terra e trabalho. Pontos importantes foram levantados, como a questão da família considerada como um ambiente privilegiado de evangelização, de respeito à vida e ao amor comunitário (cf. SCOPINHO, 2013b, p. 289). Outro aspecto foi sobre a juventude e os obstáculos a serem ultrapassados e também a pastoral vocacional e a vocação dos leigos no mundo.

Três notas foram anumerados no Documento da Conferência:

A primeira é a Igreja evangelizadora, que tem como missão fundamental anunciar o Evangelho vivo de Jesus Cristo aos homens e aos povos concretos [...] uma segunda nota característica, presente na eclesiologia latino-americana, é a Igreja dos pobres. Pelo exemplo e testemunho de vida de Jesus, a Igreja procura encarnar-se nos meios populares e entre os pobres da sociedade. [...] Uma terceira nota importante é a igreja entendida como comunidade, fortalecendo o mistério de comunhão de Deus com os homens e dos homens entre si. A missão da Igreja é anunciar o reino de Deus na história, a partir do encontro e da partilha fraterna, da oração e do serviço solidário, sendo sinal e instrumento no processo de transformação da sociedade (SCOPINHO, 2013b, p.291).

Os bispos da América Latina encorajaram os leigos a assumirem o seu papel de protagonistas na Igreja e no mundo. O Documento Conclusivo propunha uma atuação forte e consciente do laicato frente às mazelas da sociedade e do povo latino-americano. Os bispos ressaltaram ainda a importância do laicato e do seu desenvolvimento frente às transformações históricas atuais.

O Documento apresentava uma valorização do leigo. Este deveria exercer a evangelização no seu próprio campo, ou seja, nas realidades do mundo. Os bispos atentaram para a participação dos leigos nas áreas que atuavam e nas comunidades eclesiais de base, fonte e alicerce para a criação de várias comunidades se vivência de fé na América Latina.

O apostolado dos leigos, pautado nos âmbitos territoriais e funcionais, teria algumas características básicas, tais como: ter constante revitalização evangelizadora, converter a consciência pessoal e coletiva para o reino de Deus, motivar a inserção na pastoral eclesial, ser instrumento de formação e adquirir uma profunda espiritualidade (SCOPINHO, 2013b, p.294-295).

A presença atuante do leigo no mundo também foi ponto determinante nos estudos da Conferência principalmente no âmbito político, onde este deveria ter uma orientação precisa séria e consciente. Além disso, ressaltavam que a atuação do leigo deveria ser pautada pela luz do Evangelho e da visão cristã. (cf. SCOPINHO, 2013b, p.296).

O ministério laical foi reconhecido em sua variedade e diversidade, devendo ser orientado para uma prática cristã de envolvimento. O envolvimento do leigo deve ser principalmente no ambiente familiar e suas responsabilidades. Para tanto, deve-se atentar a não promover um ministério individual, mas consciente e em conjunto não deixando nunca o leigo longe de sua realidade.

As questões fundamentais abordadas pela conferência de Puebla puderam dar um norte às atuações dos leigos. Nesta Conferência é possível ver uma maior intenção em dar força ao leigo e fazer dele parte do envolvimento da Igreja no mundo. A Igreja latino-americana favoreceu a participação do leigo e deu a ele o protagonismo para atuar frente às dificuldades, promovendo assim uma Teologia do Laicato forte e amadurecida, diante de cenários inóspitos e condições difíceis para a evangelização.

É possível observar uma evolução desde a Conferência do Rio de Janeiro, em 1955, passando pela Conferência de Medellín, em 1968 e agora a de Puebla em 1979, vemos uma grande mudança no pensamento sobre os leigos. Essas duas últimas — Medellín e Puebla — beberam das conclusões do Concílio Vaticano II, porém, ainda havia muito que caminhar. Para tanto, as Conferências de Santo Domingo em 1992 e a de Aparecida em 2007 darão novos horizontes e novas formas a questão do leigo e sua atuação na Igreja e na sociedade.

IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Santo Domingo, 1992)

Pra entender as questões abordadas e as necessidades de uma nova Conferência, desta vez em Santo Domingo, na Republica Dominicana, entre os dias 12 e 28 de outubro de 1992, precisamos entender o contexto história, analisar as questões sociais, políticas, econômicas e culturais envolvidas, a fim de se chegar a uma situação de análise do envolvimento do laicato no final do século XX.

A América Latina vivia, desde a década de 80, problemas econômicos que geraram uma desigualdade social muito grande, levando muitos à situação de pobreza. Para combater esta questão a Conferência de Puebla desejava uma nova evangelização, para que os fiéis não perdessem a fé e não se deixassem abater. A elaboração dos documentos acompanhou de perto a evolução do laicato latino-americano, e com inúmeras citações do Concílio vaticano II e da Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, de João Paulo II.

O papa, preocupado com a questão da América Latina, afirma que se deveria atentar para uma nova evangelização, diante das transformações sociais e históricas. Como principais autores desta *nova evangelização* temos os catequistas, que têm no Catecismo da Igreja Católica um instrumento para a nova evangelização.

A Igreja, frente à necessidade de uma *nova evangelização*, “deve ter a promoção humana como caminho para a libertação integral” (SCOPINHO, 2013c, p.583). A Igreja continuava com a sua principal afirmação, frente aos problemas que enfrentava:

A Igreja reafirmava, assim, a opção preferencial pelos pobres, não exclusiva nem excludente. Uma opção feita não a partir de critérios fornecidos pelas ciências sociais ou pelas ideologias, mas pela palavra de Deus, tendo a família e a vida como fundamentos da dignidade humana, para que aconteça uma autêntica promoção humana, uma verdadeira libertação e uma coerente opção preferencial pelos pobres. [...] a Igreja deve anunciar Jesus Cristo em todas as culturas, esta deve ser a sua preocupação central e o objetivo de sua missão, que reconhece valores positivos na cultura contemporânea, mesmo tendo eliminado muitos valores religiosos fundamentais (SCOPINHO, 2013c, p.583).

O Documento reafirma a opção pelos pobres e rosto de Cristo nos que mais sofrem. Isso foi importante para o papel dos leigos e sua atuação nas grandes dificuldades e situações de incertezas e problemas sociais. Para que isso ocorresse é necessária uma nova evangelização atenta às necessidades e que procura concretizar o projeto salvífico de Jesus Cristo.

Evangelizar significa sinalizar e fazer acontecer o reino de Deus no meio dos homens. Neste sentido, a Igreja se sente responsável pela realização dessa tarefa, sabendo que não pode identificar-se como o reino anunciado, ela é chamada a ser sacramento do reino, no mundo. Apresenta ainda três condições para que a nova evangelização aconteça.

A primeira condição é a de enfatizar que os protagonistas da nova evangelização tenham motivação e ânimo para evangelizar. A segunda condição é a de

ter consciência da necessidade e urgência de uma boa formação, que se consciência segura daquilo que se anuncia. E a terceira condição é a da necessária consciência de um profundo sentido de justiça e solidariedade para com os mais pobres da sociedade (SCOPINHO, 2013c, p.588).

Frente aos problemas essas três condições resumem a situação da Igreja e a necessidade de maior atuação frente aos que precisam. A nova evangelização é papel de todos da comunidade, mas de modo especial esta tarefa na sociedade contemporânea compete aos cristãos leigos que assumem assim a sua conduta de serem fiéis ao Evangelho e detentores do conhecimento e participantes da obra do Reino de Deus.

O Documento Final apresenta linhas diretas para a nova evangelização e para que se consiga evangelizar mesmo diante de condições desfavoráveis. Como forma de nortear, o Documento apresenta cinco pontos importantes que são: a nova evangelização, a promoção humana, a cultura cristã, um novo ardor e a missão.

Com este norte, os bispos convocaram homens, mulheres, jovens e todos os interessados a serem participantes desta evangelização. O documento apresenta um quadro plurifacial dos leigos. Estes são também os detentores da missão profética, sacerdotal e real nos ambientes em que atuam. O leigo tem consciência da sua importância e do seu papel na sociedade, porém em algumas áreas não se sente parte fundamental para a evangelização, como no trabalho, na política, na ciência, na arte, na literatura e nos meios de comunicação. Para que isso foi feito e para dar a devida responsabilidade aos leigos, foi necessário um chamado para a missão.

Outro ponto importante é que os leigos muitas vezes não têm um acompanhamento bom e consciente dos pastores, o que os deixa sem orientação. Os bispos debatiam e de forma consciente deram aos leigos função principal, para que estes fossem os protagonistas da Nova Evangelização, da Promoção Humana e da Cultura cristã, chamados a procurar os batizados não evangelizados para serem inseridos nas comunidades.

Os bispos chamam os leigos à responsabilidade de promotores da Nova Evangelização, principalmente os jovens. Confessam que ainda é necessário um acompanhamento pelos pastores e uma formação constante, para que não fiquem fora do verdadeiro anúncio do evangelho. Uma das formas de considerar a evangelização pelos leigos é considerar a família animadora de outras famílias, para que assim a tarefa de evangelizar não se perca fora do ambiente familiar.

Visando ainda um aspecto de valorização dos leigos e das comunidades eclesiais de base, afirma Scopinho:

As comunidades eclesiais de base são vistas como células vivas da paróquia e que devem ser entendidas

na comunhão orgânica e missionária. Na comunidade eclesial de base, como lugar de vivência de fé, do culto e do amor, é que se encontra, de maneira efetiva e afetiva, a animação do laicato, enquanto homens e mulheres preparados dentro do mesmo espírito comunitário, em comunhão com o pároco e com o bispo (SCOPINHO, 2013c, p.593).

Assim, o leigo, atuante e consciente, desempenha um papel primordial na evangelização de comunidades em que é precária a presença do ministro ordenado. Deste modo o papel do laicato na Igreja e na sociedade é esclarecido, aos poucos, e delimitado o seu campo de atuação para que a ação evangelizadora possa surtir os efeitos necessários e que também sejam responsáveis por transmitir o Evangelho.

O documento final apresenta ainda aspectos importantes, pois assinala que se deve manter a opção preferencial pelo pobres, além de se atentar para a participação dos leigos na política, vivenciar uma fé forte e consciente. Todos estes aspectos são importantes, pois caracterizam a Teologia do Laicato. Esta teologia aprimora e contribui para uma questão principal: o engajamento do leigo e a promoção de um laicato adulto na Igreja e na sociedade (cf. SCOPINHO, 2013c, p.594).

A Conferência de Santo Domingo, apresenta reflexões sobre o laicato presentes no Concílio Vaticano II, em Medellín e Puebla, além de outros documentos referentes a esta temática.

A Igreja no continente favorece o surgimento de um laicato consciente de sua missão eclesial e social. Por outro lado, a consciência dessa missão não foi adquirida sem contradições e dificuldades, mostrando que existe muita coisa para ser conquistada, tanto do ponto de vista pastoral como da reflexão teológica (SCOPINHO, 2013c, p. 598).

Aspectos importantes para a evolução fortalecimento da Teologia do Laicato estão presentes. Ainda se busca uma atuação e comprometimento de um laicato adulto e consciente e se faz necessário caminhar para uma melhor estruturação, diante do final do século XX, nos anos 90, temos uma aproximação entre os leigos e as organizações da Igreja, dando mais poder e força para estes. Analisaremos a última Conferência do CELAM realizada em Aparecida no ano de 2007, ponto forte da Evangelização e promoção da vida humana.

V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (Aparecida, 2007)

A Quinta Conferência do Episcopado Latino-Americano aconteceu em Aparecida entre os dias 13 e 31 de maio de 2007, da qual saiu um documento conciso e bem elaborado, sendo que o mesmo ainda não foi trabalhado em nossas comunidades e paróquias. Carece de um maior empenho para que se difundam os estudos deste documento tão importante para a Igreja no terceiro milênio.

A Quinta Conferência do CELAM busca aprofundar aspectos já tratados nas Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo, e principalmente os desdobramentos dos documentos do Concílio Vaticano II. De fato, todos esses documentos compilam uma necessidade de se organizar a Igreja Latino-Americana.

A Conferência convocada pelo Papa João Paulo II e confirmada pelo Papa Bento XVI teve papel decisivo e importante, pois apresentava uma Igreja preocupada com os desafios da realidade e da pós-modernidade, principalmente na Igreja latino-americana e caribenha atenta às questões que ameaçavam a vida humana, a exploração do trabalho, a pobreza e os problemas socioeconômicos da atualidade.

A preocupação dos bispos está intimamente ligada ao Documento do papa Paulo VI *Evangelii Nuntiandi*, sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Trata-se principalmente de lidar com os problemas e o afastamento dos fiéis da Igreja Católica. Fato marcante da Quinta Conferência é a evolução dos trabalhos e do envolvimento dos bispos. Nesta dá-se ênfase aos leigos e sua participação nas comunidades.

A Conferência de Aparecida teve inúmeras conquistas, entre elas: a inserção do termo "discípulos missionários", que antes não fazia parte dos documentos. Esse termo composto contempla que todos nós somos discípulos missionários de Jesus, anunciadores do Evangelho. Outra questão importante é o diálogo no continente e a recuperação do método ver-julgar-agir.

A Conferência teve a participação de 268 membros, porém somente os cardeais, arcebispos e bispos tinham voz e voto, totalizando 123 votantes. O documento aprovado, enviado ao Papa Bento XVI retorna com várias modificações entre eles as mudanças sobre alguns aspectos das Comunidades Eclesiais de Base.

Ponto determinante para atuação e fonte do documento estava a atuação da Igreja e o aspecto pastoral de ver Jesus no outro, fazendo da igreja missionária. Esse caráter de missão é algo singular para a Igreja Latino-Americana e do Caribe: vê-se em Jesus Cristo o exemplo de pastor e fonte de toda a missão, objetivo principal para os que buscam o Evangelho. Além disso, diante das constantes transformações, nunca se deve esquecer dos pobres. A busca por eles é a busca por Cristo, que vive no meio de nós e se faz presente no menor dos menores, diante da indiferença de todos. Este é quem precisa ser evangelizado e curado das feridas da vida.

O Documento de Aparecida nos apresenta uma Teologia do Laicato forte e vivente, porém deve-se viver a vida tendo Cristo como fonte e foco da missão salvífica. "A Conferência de Aparecida fez uma leitura do

Concílio Vaticano II, retomando as conferências anteriores, mas com aproximação teológica e doutrinal mais próxima do Concílio quando se compara com as demais Conferências latino-americanas” (SCOPINHO, 2014, p.95-96).

Assim, a Igreja Latino-Americana se aproxima mais dos desejos do Concílio, mesmo que de forma paralela à Conferência. A Igreja ainda apresenta as dificuldades que continuam a aparecer, como a questão da falta de sacerdotes em determinadas áreas e a evangelização por meio dos leigos que se faz importante neste contexto.

Com este cenário a Conferência apresenta uma forma de atuação do leigo mais audaciosa.

A Conferência de Aparecida fortaleceu a percepção de que a missão do leigo, tanto no mundo como na Igreja, deve superar uma mentalidade *clericalista*, onde a autoridade eclesiástica se apresenta como referência única para qualquer decisão teológica ou pastoral. Assim como nas conferências anteriores, a Igreja ainda não superou este clericalismo, que se expressa tanto na hierarquia como entre os próprios leigos; mas a questão foi mais debatida e mostrou maiores possibilidades de mudança, ainda que não seja de mentalidade, mas que esteve presente de forma muitas vezes incipiente (SCOPINHO, 2014, p. 97).

Desta forma o leigo é chamado a atuar com a liberdade de viver a Igreja e anunciar o evangelho e seu campo de trabalho se torna amplo. A Conferência sustenta a ideia de que o leigo tem importância e sua atuação é de fato diferenciada por se tratar do povo lidando com o povo, assim atua de forma concreta nos ambientes paróquias e nas comunidades. A Conferência deu continuidade ao pensamento do Concílio Vaticano II: ser leigo, ser discípulo significa ser missionário (cf. SCOPINHO, 2014, p.98).

Um desafio que deve ser pautado e que foi debatido na quinta conferência é a questão dos poderes dentro da Igreja. Esta deve deixar de lado uma hierarquia bipolar.

O desafio é exatamente o de construir uma cultura e um novo modelo de ação que reestruture a Igreja, deixando de ser entendida numa relação bipolar entre hierarquia e laicato, mas se faça compreender como comunidades e ministérios. Essa tarefa cabe a todos aqueles que acreditam no sopro libertador do Espírito Santo, que confia na liberdade humana e na respectiva capacidade de transformação (SCOPINHO, 2014, p.99).

A Conferência apresenta seu documento, com mais abrangência na questão do leigo, porém ainda deixa lacunas a serem preenchidas.

Devemos atentar para a vivência do leigo e sua formação, nunca deixando de lado o seu caráter salvífico e a família, alicerce e base de toda sociedade. Assim, constituiremos um laicato consciente e adulto, pronto para o trabalho e de fato, aberto às novas perspectivas.

Considerações finais

Ao analisar os cinco documentos da Conferência Episcopal, importantes aspectos que nos fazem observar o crescimento — e às vezes nem tanto — da Igreja na América Latina. Cada Conferência se apresenta de uma maneira, mas todas têm o mesmo objetivo: dar uma cara mais honesta e fiel ao povo latino-americano.

Não se pode falar de América Latina com os olhos advindos da Europa e não se pode falar de Povo de Deus latino-americano sem antes vivenciar essa realidade. Todos os pontos abordados em todas as Conferências são de suma importância e de grande relevância para a evolução do pensamento social, político e econômico, sendo que todos esses estão inseridos no ambiente da Igreja que perpassa todos na vivência do leigo e na sua atuação social.

De fato, ainda é muito difícil quebrar as amarras do clericalismo. E isso não é apenas uma questão da hierarquia eclesiástica, mas também dos leigos que não se deixam abrir para a oportunidade de trabalho e evangelização. Deve-se buscar uma maior interação entre leigos e clero, não havendo distinção entre nenhum deles, cada um com sua função e todos buscando a evangelização neste mundo cercado de problemas e mazelas da vida cotidiana.

Atentas a isso, as Conferências sempre procuraram traçar rotas para fugir das enfermidades e doenças da vida cotidiana, além do mundanismo e do relativismo que hoje colocam a Igreja no mesmo patamar que as ciências sociais. Devemos atentar para que a Igreja não seja igualada aos estudos meramente acadêmicos, mas que seja fonte e alimento de fé para os que mais precisam, nunca deixando de lado a verdadeira missão salvífica e promotora da paz.

Importante ressaltar que todas as Conferências e também o Concílio Vaticano II sempre colocaram em pauta a questão da libertação do pobre, porém encontramos uma grande dificuldade de livrar estes pobres das amarras sociais e da marginalização. A Igreja, como é possível observar até hoje, está presa à hierarquia piramidal, detentora do poder sobre todos os fiéis. Seria muito bom se conseguíssemos que a sociedade e a Igreja se atentassem para a questão dos mais necessitados e lutasse para livrá-los dos problemas e da exclusão.

A Igreja na América Latina e no Caribe sofre, ainda, com problemas sociais sérios e apresenta grande dificuldade de diálogo com os outros continentes. Isso seria importante para que todos pudessem falar a mesma língua, a língua que Jesus Cristo pediu que falássemos: a linguagem do amor. Que possamos ver no outro o Cristo que sofre, aquele

que fica fora do banquete e deseja se servir juntos com os pequenos e oprimidos.

A missão do leigo não é diferente da missão da Igreja, não tem uma função melhor ou pior, o problema está na hierarquia que não deixa o leigo assumir os espaços. A Teologia do Laicato não deve ser esquecida e é preciso vivenciar uma Igreja humilde para os humildes, ou melhor ainda, uma Igreja pobre, que saiba ir ao encontro do outro.

Estamos diante de um grande desafio para a Igreja Católica do século XXI: articular uma formação cristã integral e permanente, para que assim consiga atuar de forma significativa e com desejos de mudança no âmbito social, político, econômico e cultural. É preciso encontrar um laicato consciente, adulto e atuante, para que seja chamado a ser "sal da terra e luz do mundo" (cf. Mt 5, 13-16)

Referências

BEOZZO, José Oscar. Medellín: inspiração e raízes. Disponível em <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/202.htm>>. Acesso em 4 de nov. 2015.

GUTIÉRREZ, G. *Teologia da libertação*. São Paulo: Loyola, 2000.

SCOPINHO, S.C. D. "O laicato na primeira Conferência Episcopal Latino-Americana Rio de Janeiro (1955)." *REB*, Petrópolis, Ano 72, n. 287, p. 581-603, 2012.

SCOPINHO, S.C. D. "O laicato na Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín (1968)." *REB*, Petrópolis, Ano 73, n. 289, p. 150-180, 2013a.

SCOPINHO, S.C. D. "O laicato na Conferência Episcopal Latino-Americana de Puebla." *REB*, Petrópolis, Ano 73, n. 290, p. 276-302, 2013b.

SCOPINHO, S.C. D. "O laicato na Conferência Episcopal Latino-Americana de Santo Domingo." *REB*, Petrópolis, Ano 73, n. 291, p. 575-598, 2013c.

SCOPINHO, S.C. D. "O laicato na Conferência Episcopal Latino-Americana de Aparecida (2007)." *REB*, Petrópolis, Ano 74, n. 293, p. 78-102, Jan/Abr. 2014.

SOUZA, Ney de. *Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites*. *Revista de Cultura Teológica*, v. 14, n. 55, p. 39-59, abr/jun 2006.